
MARIA DO CARMO LUIZ *
MARIA NAZARÉ SALVADOR *
HENRIQUE CUNHA JÚNIOR **

A CRIANÇA (NEGRA) E A EDUCAÇÃO

* Do Grupo de Divulgação de Arte e Cultura Negra de Araquara-Gana.

** Do Centro de Cultura Afro-Brasileiro Congada (São Carlos).

RESUMO

Neste artigo são discutidos diversos aspectos relativos à educação da criança negra numa sociedade dominada pelos valores da população branca. A educação dada na família, na escola e em diversas situações informais é vista como reforçadora do ideal de branquicidade prevalente na sociedade brasileira.

SUMMARY

The authors discuss many issues related to the black child's education in a society dominated by the values of the white population. The education given within the family, in school and in many informal situations is regarded as a reinforcer of the whiteness ideal that prevails in Brazilian society.

OS PARÊNTESES

No Brasil, ser humano significa sempre ser branco; ser índio, negro ou caboclo requer menção, mesmo em regiões onde estes grupos são majoritários. O padrão homem branco é sempre o mais forte. Portanto, quando se fala do negro sempre se explicita, sempre aparece o critério de diferenciação.

Agora, para nós, como negros, não existe a necessidade de explicitar o traço. Quando nos referimos à criança, neste trabalho, fica subentendido criança negra; quando não o for, então, estará explícito criança branca, cabocla ou índia.

QUEM SOMOS

A população não-branca neste país é numericamente muito grande. Não temos um censo com dados exatos, mas estimativas nos fazem acreditar que constituímos mais de 50% da população. Esta população no seu todo é de pobre a paupérrima. O que queremos dizer com isto é que não existe uma classe média negra numericamente significativa: a única distinção que estabeleceríamos dentro do grupo seria entre pequenos assalariados, empregados fixos, e uma grande massa de semi-empregados ou desempregados. Portanto, aqui, a criança é de família pobre, submetida a todas as dificuldades que a pobreza possa acarretar num país subdesen-

volvido, de capitalismo dependente, como é o Brasil.

Consideramos que não houve uma abolição, que não existiu uma libertação em torno de 13 de maio. Assim como podemos considerar o homem no geral não libertado, numa sociedade nos moldes do capitalismo brasileiro, pesam ainda sobre nós condicionamentos de quatrocentos anos de escravidão, quando foi moldado um conjunto de regras, onde o próprio negro se sente inferiorizado em relação ao restante da sociedade branca brasileira. Essas regras são transmitidas às crianças, sem que os informantes percebam o quanto as reprimem, contribuindo para o desenvolvimento de sentimento de inferioridade, impedindo-as de atingir um desenvolvimento pleno ou, pelo menos, equilibrado.

É de suma importância eliminar este conjunto de valores criados pela sociedade branca, que geram em nossas crianças insegurança e negação do próprio eu, que são carregados vida afora e que se refletem em um número muito grande de situações. Temos que saber dos nossos valores e de nossos ideais, negando imposições. As experiências de nossas crianças na rua não serão tão importantes se estiverem preparadas para o choque social.

Estamos preocupados com a educação de nossas crianças, como forma de militância e de combate à mitológica democracia racial brasileira. Apesar de muitas outras tentativas estarem sendo realizadas — grupos de teatro amador que viajam pelas cidades do interior, grupos de estudo, jornais e revistas, trabalhos em pequenos núcleos de periferia, incontáveis reuniões de debates e conferências etc., etc. — poucos têm se preocupado com a criança em si. Nesse sentido, nosso trabalho tem objetivos mais no campo da reflexão sobre a educação.

IDEAL DE BRANQUICIDADE: ORIGEM, TRANSMISSÃO E REFORÇAMENTO

A superioridade do branco vem da escravidão, como uma justificativa que lhe propicia o direito, a moral, em suma, a certeza de poder escravizar o negro.

Atualmente o brasileiro só é preto para jogar futebol, dançar samba e beber pinga, no mais, ele é branco. Os ideais de sucesso e realização de vida sempre levam a idéia de branquidão. É corrente na mentalidade popular que "quanto mais claro, melhor". Estes mitos das qualidades e sucessos essenciais ao branco são reforçados por todos os caminhos de divulgação cultural e ainda pelos entraves que nos são impostos no mercado de trabalho. Sendo assim, o ideal é que os negros tenham o maior nú-

mero de requisitos brancos, para permitir a reprodução da sociedade branca, fixando cada qual em seu lugar (o lugar do negro e o lugar do branco), produzindo elementos suficientes para manter-nos em desacertos e desencontros que não permitam uma contestação mais efetiva.

Esse ideal de branquicidade é intensivamente transmitido e reforçado em nossas crianças, através de todos os canais de educação.

EDUCAÇÃO FAMILIAR

O ideal da família é que seus filhos tenham o maior número de requisitos brancos, referindo branco como sucesso na sociedade.

A educação familiar procura descaracterizar ao máximo a criança, reforçando, ao contrário, o como ela pensa que o branco seja ou aja. É assim que, por exemplo, as crianças são advertidas para não falarem alto, não falarem quando não solicitadas, pois preto resalta muito no meio. O objetivo desta educação é formar o preto bem comportado, reproduzir o preto obediente, submisso e prestativo, tendo requisitos para ser o preto bem sucedido na sociedade branca. Procura-se, então, fazer com que a criança nunca tenha atitudes identificáveis como sendo de negros desclassificados, no modo de andar, de se por diante das pessoas, etc.

O fato de os pais estarem sempre procurando, inconsciente ou conscientemente, se embranquecer, gera na criança uma perda ou desvalorização de seu eu. É assim, por exemplo, que as meninas sofrem por não terem cabelos lisos.

Uma educação deste tipo não acarreta somente a passividade, mas produz nas pessoas profunda angústia e ambivalência frente a si mesmas. Por outro lado, a família não tem um grau de conscientização que lhe permita detectar os entraves que esse modelo de educação acarreta para a criança.

Essa distorção precisa ser corrigida, para nos permitir encontrar nossa identidade e expressar um grau de reivindicação maior.

EDUCAÇÃO ESCOLAR

Nossa análise sobre a criança na escola não pode ser sustentada por pesquisas empíricas, mas pode se apoiar num conjunto de dados observados e de reflexões.

O professor, ligado à classe dominante, exerce o papel de agente de sua hegemonia. Reproduz com fidelidade o que lhe é exigido socialmente, cristalizando um padrão de ser humano que corresponde ao homem ideal, limpo, calmo, obediente nas tarefas e branco.

A escola, vista como um instrumento de reprodução das relações sociais, tende a manter a superioridade do branco e a nossa inferioridade, pois, ideologicamente, a escola que possuímos é branca, de classe média.

Os componentes ideológicos inculcados no raciocínio dos professores, principalmente primários, relegam as crianças negras e pobres à condição de problema. Estas crianças são estigmatizadas como rebeldes, incapazes, de aprendizado difícil e providas de meio pernicioso. Todos os "problemas" concentram-se na criança, nunca na forma de desenvolvimento da educação oferecida.

As diferenças de linguagem também afetam a educação, uma vez que os termos utilizados pela escola são comuns dentro de um estrato de população de classe média urbana. A criança não entende e não é entendida; portanto, ela é burra e, quando não, quando ela com esforço acima do normal vence o meio, é tida como diferente, como exceção. São sutis formas pelas quais a discriminação racial se processa e se mantém na escola.

Os testes usados para medir habilidades e capacidades também corroboram os padrões esperados. Assim, o jovem não branco e pobre terá um baixo desempenho em provas de capacidade verbal, mas alto desempenho em habilidades psicomotoras. Contribuirá com seu trabalho físico para o bem-estar da sociedade branca de classe média.

Apesar da democracia racial, a prática escolar difere da realidade de nosso dia a dia. A história ensinada é feita por brancos e para brancos; não existem nossos heróis, fato que traz um grande vazio para a criança, pois reflete nela que o ser importante é o outro, não ela. E a imagem que lhe é transmitida da África se apresenta com os contornos de um continente habitado por negros selvagens e atrasados.

Com tudo isso a criança sente vergonha de sua cor, portanto de si mesma. A escola patenteia nela a inferioridade. De um lado, quando procura assumir as características que lhe são transmitidas do negro bonzinho, afastando-se, assim, dos demais de sua raça, disposta a tudo para agradar o grupo e ser aceita, o grupo a assimila co-

mo negro de alma branca, como diferente dos demais de sua raça. De outro lado, ficam os que são mal sucedidos na escola: o palhaço e o rebelde. O primeiro faz o grupo se divertir com gracejos: uma forma de atrair a atenção em torno de si. O rebelde, criança revoltada, é a que repele aquela estrutura e se exprime através de agressões, procurando dar vazão a seus sentimentos.

Uma coisa é certa: a experiência do grupo escolar é quase sempre traumática para nossas crianças.

EDUCAÇÃO INFORMAL

É difícil encontrar, em grupos de brinquedos envolvendo crianças negras e brancas, um líder negro. Quase sempre lhes é impingido um plano inferior: quando uma criança consegue se impor, é por ser fisicamente mais forte. O tratamento não é hostil quando nossas crianças aceitam passivamente a brincadeira. A partir do momento em que reivindicam uma posição melhor dentro do grupo surgem os conflitos: tentativas de inferiorização e agressões verbais tradicionais — negrinho, macaco, sujo, etc.

Nas brincadeiras que requerem agilidade, tais como futebol, corrida, ela é respeitada, pois se destaca, sendo melhor que as demais. Nos esportes mais sofisticados, tais como natacao, vôlei, etc., não consegue se impor, pois não tem oportunidade de praticá-los, devido à situação econômica que não lhe permite freqüentar os locais que oferecem este tipo de lazer. Se eliminado for o problema de classe, a barreira do preconceito racial lhe impedirá.

Os brinquedos adquiridos por nossa população são modelos idealizados pelos brancos: a menina negra que tem a boneca loira como se fosse sua filhinha; a boneca negra sempre representada com traços estereotipados; nos baralhos e jogos educativos, a mulher negra adulta representada como cozinheira (ou vice-versa!).

Quando participamos dos programas de televisão, o somos em número reduzidíssimo e colocados como personagens engraçados ou de nível intelectual inferior. O que uma de nossas crianças sente vendo o Mussum ou assistindo ao "Sítio do Pica-pau amarelo"?

Tudo isso contribui para o desenvolvimento de bloqueios na criança durante sua formação. Tentando acompanhar a sociedade branca com seus padrões e valores, ela sente que sua realidade essencial é esta, situada numa condição de inferioridade.

CONCLUSÃO

Os condicionamentos produzidos pela sociedade são laços muito fortes, parecem inquestionáveis e indestrutíveis ao cidadão no seu cotidiano, uma vez que fazem parte de toda sua formação e de sua vida. Não temos dúvidas de que não vivemos bem e estamos em constante conflito com os padrões vigentes.

Como combater o negro produto da sociedade racista, genocida e encontrarmos o homem livre que consiga repudiar em sua criação e desenvolvimento este negro estereotipado?

O reencontro de si implica em enfrentar a sociedade branca no seu todo. Mas parece que o caminho da libertação está numa dupla negação: primeiro, negar as identificações propostas pela sociedade; depois, negar a si próprio, para voltar, através de um exercício crítico e penoso, à criação de si e da sociedade a sua volta. Possivelmente estas afirmações pareçam utópicas, pois levariam a criar o negro ideal para posteriormente chegar ao homem.

Os traços culturais vivos em nós estão muito marcados e destruídos como positivos na nossa sociedade. As primeiras coisas a que nós nos prendemos neste processo combativo de identificação é a volta à África, às origens africanas. Esta volta consiste numa tentativa de retomada histórica, de reencontro com os seres do passado, com homens, antes de serem transformados em coisas pela escravidão e pelo colonialismo. A partir disso, vamos contar uma história verdadeira e voltar a nos repensar como negros.

Nesta perspectiva, a educação deve conter esses elementos históricos. A escola tem que ser transformada no sentido da valorização do ser humano, independentemente da raça. Esta deverá conter ideais da sociedade vista na sua totalidade. Serão necessários educadores com visão ampla da realidade, conscientes de que as limitações precisam ser eliminadas.

Existiu uma hesitação muito grande em redigir este parágrafo, uma vez que as questões apresentadas não estão bem definidas e as conclusões constituem objeto de procura e questionamento para todo um conjunto bem amplo de pessoas. Este parágrafo também reflete o quanto nosso trabalho é moldado pela militância dentro dos grupos negros a que pertencemos e quanto uma série de questões ainda são embrionárias nestes grupos. ●